

Grupo de encontro comunitário como estratégia de Promoção da Saúde orientada pela Educação Popular

Community meeting group as a strategy for Health Promotion guided by Popular Education

Autores

Pedro Cruz. Professor Adjunto-A do Departamento de Promoção da Saúde do

Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Email: pedrojosecruzpb@yahoo.com.br

Renan Soares Araújo

Graduando do curso de Nutrição do Centro de Ciências Saúde - CCS da

Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Email: rsdahc@hotmail.com

Recebido em: 15/08/2016 **Aprovado em:** 16/11/2017

DOI: 10.12957/interag.2017.25107

Artigo

Resumo

O Programa "Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)" constitui uma experiência de Extensão Universitária orientada pela Educação Popular e organiza suas ações a partir de Grupos Operativos, dentre eles os grupos "Horta Popular" e "Saúde na Comunidade". Enquanto o primeiro priorizou a construção de uma horta comunitária na comunidade Boa Esperança em João Pessoa-PB, o segundo desenvolveu encontros para problematização de questões do ambiente e da realidade local, com temas relativos à promoção da saúde, à qualidade de vida, ao meio ambiente e sustentabilidade, dentre outros. As reuniões do "Saúde na Comunidade" ocorreram de maneira integrada às atividades de limpeza, preservação e plantio de espécies de hortaliças, legumes e ervas

Abstract

The program "Comprehensive Practices of Health Promotion and Nutrition in Primary Care (PINAB)" is a University Extension experience guided by popular education and organizes its actions from Operating Groups, including the groups "Horta Popular" [Popular Vegetable Garden] and "Saúde na Comunidade" [Community Health]. While the first priority is to build a community garden in the community Boa Esperança in the city of João Pessoa, the second group developed meetings for questioning environmental issues and local reality, with issues relating to the promotion of health, life quality, in environment and sustainability, among others. Meetings of the "Community Health" took place in an integrated manner with cleaning activities, preservation and planting of species of vegetables and medicinal herbs.

medicinais. Foram utilizadas estratégias para propiciar debates sobre a questão ambiental e o contexto territorial da saúde. Tais estratégias foram empregadas por meio de atividades participativas e dialógicas, incluindo rodas de conversas e dinâmicas interativas, assim como configuração de cartazes e outros materiais para expressão da cultura popular local, de maneira articulada à importância do cuidado com o outro e com a natureza. Essa experiência propiciou a integração dos indivíduos para que o encontro comunitário se configurasse de maneira crítica, solidária, humanizada e participativa; acima de tudo, compreendendo a horta como um espaço de aprendizagem pelo trabalho, no qual se exercitaram aspectos como união, acolhimento, diálogo e construção compartilhada de saberes.

Strategies have been used to facilitate discussions on environmental issues and the territorial context of health. Such strategies were employed through participatory and dialogic activities through group talks, interactive dynamics and posters and other materials for the expression of the local popular culture configuration, articulating the importance of caring for others and for nature. This experience led to the integration of individuals so that the community meetings took place in critical, caring, humane and participatory settings; above all, understanding the garden as a learning space, where aspects such as togetherness, warm welcome, dialogue and collective construction of knowledge are part of the work.

Palavras-chave: *Promoção da Saúde; Educação em Saúde; Participação da Comunidade; Atenção Primária à Saúde*

Keywords: *Health Promotion; Health Education; Community Participation; Primary Health Care*

Área temática: *Saúde*

Linha de extensão: *Saúde Coletiva*

Introdução

A Política Nacional de Promoção da Saúde¹ ressalta que, para se promover a saúde, deve-se considerar a autonomia e a singularidade de grupos e das pessoas, tendo em vista que as suas formas de viver, as suas escolhas e as possibilidades de satisfazerem suas necessidades, não dependem somente de suas vontades ou liberdades, mas são determinadas, também, de acordo com o contexto social, político, econômico e cultural em que estão inseridos. Para tanto, se faz necessário atentar para expressões fundamentais como o reconhecimento das subjetividades individuais e coletivas, valorizando aspectos como a solidariedade, a felicidade, a ética, o respeito às diversidades, a humanização, a corresponsabilidade, a justiça e a inclusão social.

Em tal sentido, é necessário fortalecer as redes que favoreçam o surgimento de práticas de cuidado humanizadas, com base nas necessidades locais, reforçando ações comunitárias, a participação e o controle social. De tal maneira que se promo-

va o reconhecimento e o diálogo entre os diversos saberes _ tradicionais, populares ou científicos _ , bem como a criação de oportunidades de convivência, de solidariedade, de respeito à vida e de fortalecimento de vínculos entre as pessoas.¹

No Brasil, historicamente, a Educação Popular em Saúde tem sido uma perspectiva orientadora fundamental na construção de uma visão de saúde integral, ao ampliar a inter-relação entre as várias profissões, especialidades, serviços, doentes, familiares, vizinhos e organizações sociais locais engajados em problemas específicos de saúde, com vistas no trabalho de fortalecimento e reorientação de práticas, saberes e lutas²

Deste modo, a Educação Popular em Saúde se propõe a trabalhar pedagogicamente, de modo horizontal, na promoção de formas coletivas de atuação que favoreçam e intensifiquem a capacidade de análise crítica da realidade e a busca pela elaboração de estratégias de luta e enfrentamento de tudo aquilo que incomoda e oprime os setores populares. Assim, como forma de manter a iniciativa própria das pessoas e grupos, toma como ponto de partida os saberes construídos anteriormente no universo popular, sem reproduzir a passividade inerente dos processos pedagógicos tradicionais, com ênfase na construção compartilhada de conhecimentos.³

Nas práticas de Educação Popular, o diálogo é um elemento fundamental, pois possibilita entre o educador e o educando a partilha de significações e o aprofundamento necessário à compreensão dos componentes que conformam a realidade. Consecutivamente, oportuniza a constituição de vínculos e de significados comuns às pessoas e o aprofundamento da solidariedade, além da construção e reconstrução conjunta de novos saberes e de possibilidades para a superação de situações- limite.⁴

Variadas produções têm refletido sobre a repercussão da Educação Popular em práticas de Extensão Universitária, em seus distintos campos, principalmente na área da saúde^{5,6,7}, uma vez que, a partir destas, estudantes e professores têm tido possibilidades de efetuar trabalhos significativos que, conseqüentemente, geram contribuições importantes para a melhoria da sociedade, colaborando com o desenvolvimento das pessoas e de suas comunidades.⁸ De acordo com Melo Neto⁹, existe uma intencionalidade política explícita nas ações da extensão popular promovidas no campo da saúde, evidenciada por um compromisso e uma busca em formar profissionais com um novo olhar.

Ao discorrer sobre Extensão Popular, é importante acentuar que estamos nos referindo a uma Extensão que se propõe a incorporar o que se aprende e produz na Universidade e empregar no desenvolvimento comunitário, com compromisso, respeito e valorização dos saberes, histórias, lutas e interesses dos grupos populares. Sendo esta primordialmente voltada para a superação das desigualdades e injustiças sociais, a partir de ações que priorizem a escuta verdadeira dos anseios dos grupos socialmente marginalizados e que encaminhem produtos efetivamente direcionados à superação das condições de vida que lhes oprimem.⁸

Em razão do exposto, compartilharemos, neste artigo, uma análise crítica de uma experiência desenvolvida no âmbito da Extensão Universitária orientada com base nos preceitos teórico-metodológicos da Educação Popular em Saúde, ao passo que pretendemos aprofundar questões geradas a partir desta experiência, cujos significados podem ser úteis para todos aqueles que estejam desenvolvendo ou buscando construir ações de

Promoção da Saúde em comunidades absortas em contextos de vulnerabilidade social e econômica. Diante disso, enfocaremos, ao longo das próximas páginas, tanto uma breve reconstituição histórica da experiência, como os aprendizados, saberes e fazeres tecidos ao longo desta iniciativa, gerando a formulação de reflexões que poderão ser válidas para protagonistas de práticas no contexto da Estratégia Saúde da Família e outras políticas e ações sociais que se dão de maneira territorializada.

Configurarão, então, base deste estudo, as atividades desenvolvidas por Grupos Operativos do Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, centralmente o grupo “Saúde na Comunidade”, mas também outro que se deu de forma paralela, integrada e complementar a este, o grupo “Horta Popular”. Enquanto esse último priorizou a realização de ações coletivas na construção de uma horta comunitária no território da comunidade Boa Esperança em João Pessoa-PB, o grupo “Saúde na Comunidade” desenvolveu encontros para a problematização de questões relativas ao ambiente e à realidade local, com temas relativos à promoção da saúde, à qualidade de vida, à preservação do meio ambiente e sustentabilidade, dentre outros. O referido Programa está ancorado institucionalmente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde e do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas. Atua desde o ano de 2007 com as comunidades Boa Esperança, Pedra Branca e Jardim Itabaiana, localizadas no bairro Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

Conceituando os caminhos metodológicos de construção do artigo

O presente artigo é fruto de uma elaboração construída na perspectiva qualitativa que, de acordo com Minayo¹⁰, se ocupa de categorias práticas que não podem ser quantificadas; isto é, trabalha na atmosfera dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que corresponde ao âmago das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser circunscritos à operacionalização de variáveis matemáticas quantitativas.

Para tal, seguiu-se os preceitos da metodologia da sistematização de experiências que, conforme descreve Oscar Jara Holliday¹¹ é o “[...] caminho intermediário entre a descrição de uma experiência e a reflexão teórica”. Sendo esta uma interpretação crítica de uma experiência, delineada a partir do ordenamento e da reconstrução da mesma, descobrindo e explicitando a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram em seu transcorrer e os aprendizados, constatações e conhecimentos tecidos com base na experiência e nas reflexões decorrentes de seu vivenciar pelos participantes.

Portanto, na sistematização, se faz necessário apropriar-se devidamente da experiência _ objetivando o concreto vivido _, extraindo seus ensinamentos e compartilhando com os outros, consecutivamente, o seu aprendizado.¹¹ Segundo o referido autor, por meio dessa metodologia pode-se proceder com uma aproximação da realidade para melhor conhecê-la e então mobilizar conhecimentos para melhor atuar sobre ela para transformá-la.

Por conseguinte, foi realizada uma pesquisa documental¹² em busca por fontes de dados e posterior utilização de informações para a reconstrução desta experiência. Para

Lakatos e Marconi¹², essa modalidade de estudo tem por característica uma “[...] fonte de coleta de dados [...] restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”.

Os materiais e documentos utilizados foram os seguintes: atas pedagógicas das reuniões e encontros dos grupos (disponíveis no acervo da coordenação do Programa, no Google Drive da conta de e-mail pinab.ufpb@gmail.com), nas quais é registrada cada atividade realizada, enfatizando-se: data, participantes, número de envolvidos, dinâmicas promovidas, temáticas discutidas, local da reunião, questões emergentes e reflexões momentâneas dos facilitadores; relatório semestral de atividades (disponível no Blog do PINAB, www.projetopinab.blogspot.com), com consolidação das informações das atas pedagógicas, priorizando informações como: atividades realizadas, resultados observados nas ações, relatos individuais, reflexões promovidas, bem como observações, sugestões e perspectivas dos integrantes do grupo; e produções científicas elaboradas pelos participantes, sendo elas um resumo simples¹³ e um resumo expandido¹⁴.

Situando a experiência

O presente artigo expõe os caminhos de construção de uma experiência de Extensão Universitária concebida na perspectiva da Educação Popular¹⁵, por meio do referencial freiriano^{4,16}, particularmente no que tange ao processo de mobilização e delineamento de uma horta comunitária com os protagonistas da comunidade Boa Esperança, em João Pessoa-PB, ocorreu de maneira integrada a um grupo de encontros comunitários. Essa experiência se deu no contexto do PINAB e propiciou, em nossa visão, aprendizados sobre os desafios e as possibilidades práticas para a conformação de espaços sociais pautados pela integração dos indivíduos, configurando o encontro comunitário de maneira crítica, solidária, humanizada e participativa. Ao mesmo tempo, compreendendo iniciativas de trabalho social _ como no caso da horta comunitária _ como um espaço de aprendizagem pelo trabalho.¹⁷

O Programa de Extensão PINAB tem como eixo norteador a Educação Popular e seus princípios teórico-metodológicos, os quais referenciam caminhos de condução dos processos educativos e dos trabalhos no campo social. Dentre os referenciais de destaque da abordagem da Educação Popular, ressalta-se a ênfase na horizontalidade das relações humanas, o estímulo ao protagonismo de todas as pessoas e o respeito à participação popular crítica e ativa. O diálogo e a problematização configuram aspectos centrais nesse processo, dentro das quais se almeja incentivar a análise crítica da realidade e a busca de estratégias de luta e enfrentamento das problemáticas sociais locais.

Assim, orientado por essa perspectiva educacional, o Programa PINAB tem como objetivo desenvolver práticas integrais de ação e reflexão da Promoção da Saúde e da Nutrição no campo da Saúde Coletiva e da Segurança Alimentar e Nutricional, possibilitando aos extensionistas a percepção do trabalho em saúde como um ato pedagógico de compromisso social, ético e de construção coletiva de cidadania. O PINAB se qualifica como uma Extensão Popular por ser um trabalho social útil¹⁸, diferenciando-se vigo-

rosamente das práticas acadêmicas tradicionais. Diante disto, busca atuar juntamente com a população em seus esforços cotidianos de luta por melhores condições de vida e para a superação das desigualdades, rumo à emancipação social, o que representa uma oportunidade para o aprimoramento das contribuições universitárias à consolidação de políticas públicas inclusivas e democráticas, que facilitem o acesso e a participação das classes populares em programas que visem à realização de seus direitos sociais.

No período no qual foram desenvolvidas as experiências estudadas neste artigo, qual seja 2014/2015, o Programa PINAB desenvolveu sua atuação a partir de distintos eixos, contemplando frentes de ação a partir de Grupos Operativos, sendo estes: Grupo “Escola”, Grupo “Saúde na Comunidade”, Grupo “Idosos”, Grupo “Terapia Comunitária”, Grupo “Saúde do Trabalhador” e Grupo “Horta Popular”.

Os Grupos Operativos, conforme respalda Pichon-Rivière¹⁹, têm por seu fundamento e propósito a promoção de processos de mudança em grupo, por meio do emprego de técnicas que visem a integração entre seus membros, objetivando-se o desenvolvimento das capacidades necessárias a esta modificação, de modo que não sejam criadas situações conflitantes entre os participantes, as quais possam imobilizar a ação e o crescimento grupal.

Em tal sentido, as ações a partir de Grupos Operativos constituem-se como uma estratégia valorosa para a dinamização da Promoção da Saúde em comunidades. Dessa forma, visa estimular a pró-atividade das pessoas envolvidas, por meio da interação cultural e do encorajamento e fortalecimento da organização social, rumo à emancipação e à conquista de uma saúde com qualidade. Para isto, o PINAB atua em parceria com atores comunitários e alguns equipamentos sociais dos territórios em questão, tais como: Associação de moradores, Unidade de Saúde da Família Vila Saúde, Associação Promocional do Ancião e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos.

No período estudado neste manuscrito, o PINAB contou com a participação de trinta estudantes de cursos de graduação, contemplando os seguintes cursos: Direito, Enfermagem, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Pedagogia, Pedagogia do Campo e Terapia Ocupacional. A supervisão das ações e a orientação dos estudantes foi promovida por dois docentes da UFPB, sendo um do curso de Nutrição e outro de Medicina. O Programa contou ainda com a colaboração voluntária de três nutricionistas e um fisioterapeuta, egressos de ações extensionistas em Educação Popular, dos quais três estavam, à época, vinculados como mestrands ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB.

Por sua vez, no âmbito comunitário, participavam cerca de vinte pessoas, incluindo profissionais de saúde, atores sociais da comunidade e protagonistas de grupos sociais territorializados: agentes comunitários de saúde, lideranças sociais locais, educadores populares comunitários, médico residente em medicina de família e comunidade, residentes multiprofissionais em saúde da família, e, especialmente, moradores que residiam nas proximidades de onde se estabeleceu a horta, destacando-se a participação de idosos, de crianças e de adolescentes. Dentre os moradores, buscou-se mobilizar centralmente a presença de pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica, que estivessem convivendo com situações de fome, pobreza e/ou miséria – o que era identificado principalmente pelas lideranças comunitárias e pelos agentes comunitários de saúde.

Como referido anteriormente, no período entre 2014 e 2015, dentre seus diversos grupos operativos, destacaram-se o Grupo “Saúde na Comunidade” e o Grupo “Horta Popular”. Enquanto o último priorizou a construção de uma horta comunitária às margens da nascente do Rio Jaguaribe, o primeiro pautou o desenvolvimento de encontros comunitários para problematização de questões emergentes do ambiente e da realidade social local com a participação de moradores e de representantes de grupos localmente territorializados. Apesar de promoverem atividades distintas, era intenção do Programa imbricar tais grupos e suas experiências, de modo que se complementassem e dialogassem no sentido de propiciar o estabelecimento da horta como espaço de referência territorial para a Promoção da Saúde e para a construção compartilhada de esforços para alternativas, tecnologias e espaços de saúde e qualidade de vida no âmbito comunitário.

O Grupo “Horta Popular” efetivou a construção de uma horta comunitária, a qual foi implementada na comunidade Boa Esperança, nas proximidades da nascente do Rio Jaguaribe, que se encontra quase que totalmente no perímetro urbano. Desse modo, sofre excessivamente com o descarte inapropriado de lixo e o escoamento de redes de esgotos clandestinas.

Na expectativa de modificação desta realidade de poluição que percorre quase toda dimensão do rio, foram realizados encontros semanais com a comunidade para efetuar a limpeza da área próxima à nascente e o plantio de algumas espécies de árvores em seu entorno, como proposta de revitalização da área verde local. Além disto, em um espaço mais afastado, foi preparada uma área para a formação de canteiros, com o plantio de hortaliças e ervas medicinais, sendo este executado prioritariamente por cerca de dez moradores da região, especialmente crianças e adolescentes, sob a orientação de um mateiro e técnico em construção de hortas, o qual era membro do Movimento Popular de Saúde (MOPS) da Paraíba.

Nesta etapa da construção da horta não havia roteiro pré-definido para orientação aos participantes. Os cultivos e processos eram feitos de acordo com as demandas e necessidades explicitadas pelos participantes presentes e pelas orientações que eram feitas naquele mesmo momento pelo técnico, o qual recomendava que, durante os dias seguintes, as pessoas buscassem exercitar o cuidado com a horta e o cultivo das espécies desejadas, anotando suas dúvidas e trazendo em ocasiões seguintes. Assim, as técnicas e procedimentos iam sendo paulatinamente reforçadas pelo técnico ao longo das diferentes semanas de atuação, mediante os aprendizados das pessoas no próprio exercitar de construir aquele espaço.

As reuniões do “Saúde na Comunidade” ocorreram de forma articulada às atividades de manutenção da horta (como limpeza e plantio de novas espécies de hortaliças e ervas medicinais). Eram realizadas no espaço circunvizinho à horta, em uma Tenda de infraestrutura simples presente no local e mantida por moradores para reuniões de amigos e confraternizações. Os encontros desse grupo eram mediados pelos estudantes extensionistas, sob a supervisão de um docente e de uma educadora popular comunitária, a qual também atuava no território como agente comunitária de saúde. Não havia um roteiro pré-estabelecido; os facilitadores propunham ao grupo questões geradoras de debate e também provocativas da expressão e do posicionamento das pessoas. Tais

questões eram sempre atinentes a problemas do contexto comunitário, a necessidades de formação cidadã para a promoção da saúde com qualidade de vida e principalmente sobre o processo de construção da “Horta Popular”.

Assim, lançava-se mão de estratégias educacionais adequadas para potencializar a reflexão das pessoas e o debate comunitário acerca de temáticas relativas à questão ambiental, às políticas de saúde e aos problemas de saúde locais. Para tanto, empregaram-se dinâmicas de cunho participativo e dialógico, de caráter coletivo, nas quais se utilizou, por exemplo: a construção de cartazes informativos, de modo a ressaltar a importância do cuidado com o outro e com a natureza; rodas de conversa, com o objetivo de colocar em pauta os caminhos e os desafios do trabalho em equipe no processo da horta comunitária; e ainda momentos de escuta das pessoas sobre como enxergavam o zelo pelo local em que a horta se encontrava estabelecida, como também por outros importantes espaços de apoio social no território.

No desenrolar das atividades, sempre se manteve a preocupação em valorizar o diálogo e o compartilhar de experiências, para que todas as pessoas presentes conversassem sobre variados assuntos _ problematizando questões emergentes do ambiente, com conteúdos relativos à promoção da saúde, alimentação saudável, qualidade de vida, poluição, reciclagem, preservação, sustentabilidade, dentre outros. Estabeleceu-se, assim, um espaço importante para a troca de saberes, dentro do qual se pôde conhecer os problemas da população e suas maneiras de enfrentar os obstáculos cotidianos.

Os espaços de discussão ocorreram em formato de roda, em que todos os envolvidos se colocaram em posição horizontal, de educadores e educandos, organizando a construção do saber de acordo com as necessidades pautadas pelo coletivo. A este respeito, nos preocupamos em manter um espaço neutro e acolhedor, pois como enfatizou Vasconcelos³:

Não é coerente com a perspectiva da Educação Popular quem não toma em consideração (intercâmbio de saberes) os conhecimentos, as experiências, as expectativas, as inquietações, os sonhos, os ritmos, os interesses e os direitos das pessoas com quem esteja convivendo. [...] é fundamental considerar marcas tão profundas como as de gênero, geração, etnia e religião. [...] não é coerente quem impõe objetivos, conteúdos, palavras de ordem e verdades.

Pretendeu-se, com isto, proporcionar a integração entre os indivíduos presentes para que o encontro se caracterizasse, acima de tudo, como um momento de acolhimento, união, diálogo horizontalizado, problematização da realidade e de construção compartilhada do saber _ e não apenas como um local de um fazer técnico _ , pois como disse Freire⁴: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Não havia um moderador responsável especificamente por essa integração; tal cuidado pedagógico era valorizado pelos próprios estudantes extensionistas mediadores dos encontros. Como recursos necessários para a realização das atividades, recorria-se a materiais de apoio, à expressão criativa das pessoas, como papel ofício em branco, cartolinas, pincéis, lápis em várias cores, pincéis atômicos, tintas, dentre outros. Cada grupo de encontro decorria no tempo médio de duas horas. Não havia uma escolha prévia dos participantes. Eram acolhidas como participantes da atividade todas as pessoas

que morassem no território, ou ali atuassem profissionalmente ou voluntariamente

Dentre as ações educacionais promovidas, destacamos a atividade denominada de “caça ao tesouro”, de cunho lúdico e mobilizador. Nela, um “tesouro” deveria ser encontrado pelas crianças, a partir de dicas que estavam espalhadas pelos espaços da horta. As dicas consistiam de temas relativos à horta comunitária e questões envolvendo seu cultivo e seu potencial para a promoção da saúde com qualidade de vida. Outra atividade foi um trabalho em grupo com o objetivo de qualificar a integração entre os atores protagonistas da construção da horta, bem como a dimensão colaborativa e solidária da relação entre os mesmos. Cada pessoa deveria pegar um papel dentre os vários que estavam espalhados em uma mesa. Em cada papel tinha escrito um tipo específico de sentimento e cada participante deveria explicar porque havia escolhido aquele sentimento, qual a importância dele para si e para a construção da horta comunitária.

Para mais, visando qualificar a capacidade dessa experiência em fomentar processos participativos de construção de conhecimentos úteis para a realidade local e o enfrentamento de seus problemas de saúde, os extensionistas decidiram pesquisar e desenvolver outras técnicas de trabalho em grupo alinhadas com a perspectiva da Educação Popular, que contribuíssem tanto com a implicação das pessoas no processo de construção da horta, como também que corroborasse com a explicitação de anseios, curiosidades e desejos das pessoas da comunidade em relação a esse trabalho, de modo que o mesmo fosse pautado pelo respeito e pelo atendimento a essas dimensões subjetivas. Para tanto, utilizou-se a metodologia da Tenda do Conto.²⁰

A experiência da Tenda do Conto foi desenvolvida inicialmente pela rede de saúde do município de Natal, no Rio Grande do Norte, no ano de 2007, como meio-forma de cuidado aos usuários da atenção básica à saúde. Mediante processos de estudo, de registro, de pesquisa e de sistematização, essa metodologia foi aprimorada e se constitui como um referencial consolidado no âmbito da Educação em Saúde e inspirador de suas práticas nos diversos níveis de atenção.²¹

A metodologia da Tenda do Conto recomenda o compartilhamento de histórias de vida no âmbito coletivo e comunitário, centralmente a partir da mobilização e socialização de objetos significativos e carregados de histórias para as pessoas. A partir da história “contida” em cada objeto, se apresenta, discute, problematiza e acolhe histórias/casos da vida das pessoas e se favorece a compreensão acerca da cultura popular e das suas formas/lógicas de enfrentamento e luta por melhores condições de vida e sobrevivência.²¹

Por meio dessa abordagem, foi possível aos extensionistas enfatizar as histórias de vida das pessoas e suas subjetividades, sendo este um espaço criado para integração entre as pessoas envolvidas e para o enriquecimento de dinâmicas educacionais permeadas pela humanização e pela amorosidade na perspectiva freiriana.⁴ A promoção das atividades de acordo com a Tenda do Conto se concretizava com o convite para que professores, moradores, agentes comunitários de saúde e outros trabalhadores do setor saúde que frequentavam a horta, pudessem levar objetos de posse pessoal que, de alguma forma, tinham alguma importância para eles e um significado relevante em suas histórias de vida. Para que estes pudessem dividir estas histórias tão ricas uns com

os outros. Assim, cada ator e atriz, a seu modo e jeito, contribuía para a polifonia que se constituía neste encontro.

Discussão

Por meio das atividades do “Saúde na Comunidade”, observou-se boa participação de membros da comunidade, sendo a maior parte de crianças, adolescentes e idosos. A participação minoritária de outros grupos, como o público adulto, se deveu a diversos fatores. Dentre eles, é verdadeiro ponderar que as pessoas adultas em fase produtiva normalmente trabalham o dia inteiro e, em sua maioria, necessitam se deslocar até os centros de comércio que são relativamente distantes da comunidade. Por sua vez, há grupos de adultos (mulheres e homens) que trabalham na administração de sua casa, na organização e no apoio à dinâmica familiar ou mesmo em estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviço em nível local. Em sua maioria, esses justificavam sua ausência pelo fato de terem atribuições em casa ou em seus empreendimentos, algo difícil de se desvincular. Sempre que possível, tanto agentes comunitários de saúde como extensionistas do PINAB faziam o convite aos moradores da comunidade para que estes fossem conhecer a horta. No entanto, como explicitado, o público em geral que realmente comparecia às atividades na horta, era composto de crianças (estas eram a maioria), adolescentes (estes eram a minoria) e idosos, os quais já frequentavam a região e moravam nas proximidades do local onde a horta foi estabelecida.

Apesar do exposto, constatou-se a constante interação dos participantes entre si e com o meio ambiente, o que favoreceu a criação de vínculos sociais e a modificação de comportamentos ambientalmente não-sustentáveis, além de viabilizar o surgimento de posturas solidárias entre os participantes, o que auxiliou no fortalecimento das ações desempenhadas em conjunto. Como Freire^{4,16} enfatizou ao longo de sua obra, o diálogo horizontalizado deve ser um dos pressupostos mais importantes no desenvolvimento de qualquer trabalho pedagógico, uma vez que o conhecimento não pode ser construído se ele está limitado à transmissão de uma informação. Ele necessita de movimento e de um contínuo confronto com o mundo, tendo este como fonte de conhecimentos.¹⁶

As atividades desenvolvidas fomentaram o estabelecimento de espaços educacionais em saúde no âmbito comunitário voltados à promoção da saúde de forma crítica, ampliada, humanizada e problematizadora. A ação extensionista, nesse sentido, contribuiu com um apoio sistemático e solidário aos profissionais de saúde atuantes naquele território e às lideranças comunitárias locais, no sentido de buscarem alternativas de superação das práticas em saúde ainda dominantes, marcadas por uma ênfase prescritiva e pautadas centralmente nos conhecimentos especializados em saúde.

A decisão da equipe em orientar-se pela metodologia da Educação Popular mobilizou a busca por métodos de organização do grupo que se desvelassem em encontros e conversas entre pessoas, na direção de um olhar crítico. O grupo de encontro era, assim, o espaço de problematização sugerido por essa metodologia; não havia, portanto, outro espaço para problematização das questões emergentes nos debates. Como os encon-

tros eram semanais e, portanto, frequentes, as questões-problema estavam presentes no próprio diálogo cotidiano entre equipe extensionista, trabalhadores de saúde e moradores da comunidade. Ademais, os aprendizados, as constatações e os encaminhamentos tecidos a partir das problematizações eram configurados em ações concretas no próprio desenrolar do grupo em consonância e articulação com iniciativas como a horta comunitária. Assim, não era necessária, como em outras abordagens participativas, uma etapa devolutiva nos grupos, pois a “devolução” era feita no próprio processo de convivência, de conversas, de trabalho conjunto e de ação compartilhada no trabalho de cultivo da horta.

De modo que, como disse Freire¹⁶, a transformação da percepção das pessoas não se faz simplesmente mediante um trabalho em nível puramente intelectual, mas sim a partir de uma práxis verdadeira, a qual demanda ação contínua sobre a realidade e a reflexão sobre esta ação, implicando conseqüentemente em um pensar e atuar de forma correta e esse exige a inserção crítica da pessoa na realidade em que vive e que se lhe começa a desvelar; sendo assim, esta não pode ser de caráter individual, mas sim coletivo. Tal constatação viabilizou o desenvolvimento de um saber-agir pautado na consciência e ética ambiental, auxiliando na formação de cidadãos mais críticos, conscientes e comprometidos com as causas socioambientais, o que consubstancia com o mencionado por Boff²² ao conceituar o cuidado, indicando que este se relaciona a um processo que engloba o saber cuidar de si mesmo, do outro e do meio ambiente.

Mediante atividades de caráter dinâmico e ativo, como a “caça ao tesouro”, incentivou-se o trabalho coletivo e, assim, foi possível que se refletisse sobre a ação social e sua centralidade no território, bem como as potencialidades e repercussões quando de sua construção com caráter solidário e coletivo. Segundo Vasconcelos³, toda relação é impreterivelmente pedagógica, e toda ação educativa tem como meio e fim o sentir, pensar e agir das pessoas; sendo assim, todos estamos, todo o tempo, influenciando no sentir, pensar e agir uns dos outros.

Na atividade cujo tema consistiu dos “sentimentos”, percebemos o quanto é importante a ênfase na interação humana e na qualidade da relação de apoio social entre os participantes da horta. Além disso, o quão necessário é, sempre, refletir sobre o que cada um pode acrescentar no cuidado e preservação do meio ambiente e na construção da horta. De acordo com Freire¹⁵, toda ação pedagógica deve estar de acordo com a realidade e ter seu benefício voltado às pessoas que trabalham para a sua própria realização. Conforme Buss²³, o conceito de Promoção da Saúde é tido como um processo que conjuga os valores de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento e participação.

Em relação à experiência com a Tenda do Conto, evidenciamos o surgimento de fatos significantes que muito nos surpreenderam. Fatos estes que iam desde análises e reflexões acerca de suas histórias de vida; a valorização de determinados objetos, os quais os remetiam à recordação de entes queridos que já não estavam mais presentes em vida; relatos de vivências que propiciaram um novo redescobrir de si mesmo; a descrição de lutas cotidianas; até histórias de superação, de altos e baixos enfrentados. Tudo isso, nos fez perceber o quão pouco sabemos uns dos outros, mesmo tendo certo tempo

de convivência. E de como é preciso investir em momentos como este, de diálogo aberto e franco, de escuta verdadeira.

Destacamos, então, a relevância deste espaço para o estreitar de laços e para o conhecimento a respeito uns dos outros, trazendo à tona recordações, sentimentos, olhares, gestos de apoio e sorrisos. O mesmo possibilita a criação de uma confiança mútua e de possíveis redes de solidariedade, além da construção de um novo conhecimento, construído de forma dialógica _ devido ao confronto entre os distintos saberes, vivências e formas de perceber a vida _ e a sucessiva formação de um novo jeito de ver a vida e o outro. À vista disso, Valla²⁴ salienta que, as pessoas só conseguem expressar seus sentimentos e emoções por meio da interação com outras pessoas, e que cada indivíduo tem sua própria forma de perceber o mundo e de agir/reagir aos seus percalços. Portanto, as experiências vivenciadas por cada pessoa são primordiais para que este possa sentir e perceber o mundo.

Desta maneira, ressaltamos ser imprescindível criar espaços como este, que, como frisou Valla²⁴, oportunizam conhecermos e considerarmos as diferentes percepções que as pessoas têm de suas adversidades e quais as possíveis resoluções para seus problemas estas vislumbram, partindo do pressuposto de suas histórias de vida e levando em consideração as formas que estas dão sentido à vida. Uma vez que, como enfatizou Freire¹⁶, o ser humano não está afastado da realidade, pois este não é um ser abstrato, solitário, ermo, apartado do mundo.

No tocante às fragilidades e desafios enfrentados ao longo desta experiência, devido a dividirmos o tempo de atuação do “Saúde na Comunidade” juntamente com o grupo “Horta Popular”, geralmente acabávamos com pouco tempo para desenvolver as atividades do primeiro. De modo que, algumas vezes, os encontros do “Saúde na Comunidade” acabavam sendo rápidos e com pouca possibilidade de aprofundamento, inclusive pela limitação de horário, na medida em que cuidar da horta é uma atividade que requer bastante tempo.

Outra limitação foi quanto à tímida preparação prévia dos extensionistas para trabalhar de modo formativo com um público participante bastante diversificado, não apenas em idades, mas em gerações, maturidades, inserções/papéis na comunidade e com histórias de vida. Enquanto era uma diretriz da ação acolher todos os moradores que desejassem participar, tornava-se difícil promover atividades que contemplassem de forma adequada as peculiaridades de todas as faixas etárias, uma vez que tanto crianças como idosos participavam das ações. Mesmo assim, em alguns momentos foi possível realizar a divisão de nossa equipe extensionista em que uma parte do grupo ficou responsável por desenvolver atividades específicas com as crianças e a outra com as pessoas idosas. Apesar de não ser a nossa vontade de realizar esta divisão marcada pela diferença de gerações, a experiência adquirida em atividades passadas fez com que optássemos por isto de modo a potencializar os processos educativos de acordo com as especificidades e interesses de cada grupo social presente.

Contudo, é necessário ponderar que, a partir deste espaço educativo, possibilitou-se a experiência de abertura ao outro. Cada participante escutou e prestou atenção, com respeito e valorização do dito-partilhado pela outra pessoa, viabilizando o resgate e o parti-

lhar de histórias e saberes que serviram e servem para uma melhor compreensão da visão de mundo uns dos outros constituída com base nas experiências vividas pelas diferentes pessoas. Tendo como referencial um dos princípios freirianos¹⁶, o qual afirma que, não há saber absoluto ou ignorância absoluta, nem um saber é melhor ou pior, o que existe apenas são saberes diferentes. Assim, torna este um terreno fértil para o surgimento dos mais variados aprendizados e também mostra que, como sujeitos históricos e de transformação, estamos continuamente intervindo no mundo e nos reinventando, constituindo-nos socialmente a partir da relação com o mundo e com os outros seres humanos, conforme sublinhou Paulo Freire²⁵.

Foram oportunidades como essa que possibilitaram a criação de uma confiança mútua e a construção de um novo saber, de forma dialogada, e a sucessiva formação de um novo jeito de ver a vida e o outro, pois ao observar os seus sonhos, anseios, desejos e inquietações, percebemos as especificidades que nos distinguem em nossas singularidades, pois como bem lembrou Eduardo Galeano⁷, nós, seres humanos não somos feitos apenas de átomos, mas também de histórias.

Algumas considerações

A experiência de construção e desenvolvimento paulatino do grupo operativo “Saúde na Comunidade” ressaltou, para a equipe extensionista, que a construção do cuidado em saúde no âmbito comunitário é, essencialmente, um processo. O ponto de partida de tal processo está no investimento de tempo dedicado ao estabelecimento de encontros e de conversas entre profissionais de saúde, moradores do território, lideranças comunitárias, atores atuantes em diferentes equipamentos sociais locais, entre outros. É o diálogo intercultural entre esses protagonistas e seus diferentes pensamentos que propicia um olhar crítico e problematizador para as questões mais significativas da saúde na comunidade. Ademais, enxerga-se que o cultivo desse espaço a partir de um desafio social concreto (qual seja a construção da horta), estimulou a participação da comunidade na gestão de sua vida social e no engajamento em suas lutas sociais locais.

Para mais, possibilitou-se enfatizar, no diálogo com os participantes, a compreensão dos processos de trabalho coletivo comunitário para a promoção da saúde como experiências sociais e relacionais de mobilização popular, de inclusão de momentos de discussão da realidade no território e de reflexão coletiva sobre as situações problemáticas. O trabalho comunitário como ponto de partida para o estabelecimento de ambientes saudáveis, com práticas individuais e espaços coletivos coerentes. Acreditamos que, assim, pode-se propiciar caminhos para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as causas ambientais e com as práticas de promoção da saúde.

A inserção comunitária dos extensionistas foi fundadora para o delineamento do diálogo de saberes. Juntamente com isso, a potencialização do “ser mais”⁴, as pessoas envolvidas e a valorização de suas possibilidades de enfrentamento e de superação das situações-limite em seu cotidiano. Tanto o Grupo “Horta Popular” quanto o Grupo “Saúde na Comunidade” lograram êxito em, depois de certo tempo, estabelecer um espaço perene de construção concreta da saúde de modo participativo no âmbito comunitário. Mesmo que muitos moradores ainda não tenham participado deste processo, já se sabe

por meio dos agentes comunitários _ que muitos procuram a horta para uso medicinal ou mesmo culinário. Além do mais, muitos reconhecem aquele como um espaço social de produção de cidadania no território.

Nesse quesito, a integração interprofissional e intersetorial vem se revelando importante, pelo envolvimento de trabalhadores da Unidade de Saúde local, bem como da Escola Municipal, e ainda pela discussão em torno da situação do lixo e reciclagem na comunidade, envolvendo secretarias e órgãos municipais. Finalmente, uma conquista singular que permitiu o desenrolar de todo esse processo foi a inclusão de duas educadoras populares locais como coordenadoras comunitárias do Programa de Extensão, as quais articulam reuniões semanais do PINAB com a comunidade, fazendo com que a própria gestão das ações extensionistas se dê com as pessoas, valorizando seu saber, suas iniciativas e seu tempo.

Enfatizamos a importância dessa experiência, no tocante ao fortalecimento do respeito às diversidades, às crenças, aos saberes acumulados pelas pessoas ao longo de suas vidas, à integridade e à particularidade de cada indivíduo, o que possibilitou a construção partilhada de um saber positivo e humanizado. É imprescindível que, na execução de trabalhos com os setores populares da sociedade, tenhamos a preocupação de empregar metodologias que possibilitem desenvolver um processo pedagógico juntamente com eles/elas, a partir de um diálogo horizontalizado, propiciando a construção de um saber edificado de forma solidária e coletiva, abrindo espaços para que cada indivíduo possa ser autônomo e protagonista de sua própria história, respeitando o saber, pensar e agir destes.

Cabe refletir e destacar que se faz cada vez mais necessária uma prática de Extensão Universitária diferente, que não seja utilizada como meio de troca ou compra e venda de produtos acadêmicos ou como puro e simples repasse de conhecimentos técnicos. O trabalho produzido a partir da Extensão pode e deve contribuir na reorganização e no fortalecimento da autonomia das pessoas dos setores sociais vulnerabilizados de nossa sociedade e na reorientação do papel social da instituição universitária, possibilitando uma formação acadêmica crítica e comprometida com as demandas culturais, ambientais, sociais e políticas da grande maioria da população.

Referências

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
2. VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004.
3. VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma

experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2011. p. 28-34.

4. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

5. VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2011.

6. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Marcos Oliveira Dias; SARMENTO, Fernanda Isabela Gondim; MARCOS, Murilo Leandro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. (Org.). Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2013.

7. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto; SOUSA, Luciana Maria Pereira de; TÓFOLI, Adriana Maria Macedo de Almeida; CARNEIRO, Daniela Gomes de Brito; ALENCAR, Islany Costa. (Org.). Educação Popular e Nutrição Social: reflexões e vivências com base em uma experiência. João Pessoa: UFPB, 2014.

8. FALCÃO, Emmanuel Fernandes. Extensão Popular: reflexões teóricas e filosóficas sobre uma caminhada a trilhar. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Marcos Oliveira Dias; SARMENTO, Fernanda Isabela Gondim; MARCOS, Murilo Leandro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. (Org.). Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2013. p. 253-264.

9. MELO NETO, José Francisco de. Extensão popular – a universidade em movimento. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2011. p. 406-414.

10. MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

11. HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

12. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

13. ARAÚJO, Andressa Medeiros; SILVA, Angela Maria Barros; SOARES, Felipe Lima; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; ARAÚJO, Renan Soares de. Grupo Saúde na Comunidade: espaço de diálogo e aprendizagem no contexto de uma horta comunitária. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de; ARAÚJO, Renan Soares de. (Org.). Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014. João Pessoa: CCTA, 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5WM6ossn5wlMIJMLWY2dGhJNTg/view>>. Acesso em: 22 jul. 2016. p. 25-26.

14. ARAÚJO, Renan Soares de; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Grupo de encontro comunitário como espaço de Promoção da Saúde e construção compartilhada do saber: uma experiência em Educação Popular no município de João Pessoa-PB. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, n. 12, 2016, Campo Grande. Anais do 12º Congresso Internacional da Rede Unida. Suplemento Revista Saúde em Redes. v. 2, n.

1, 2016. Disponível em: <<http://conferencia2016.redeunida.org.br/ocs/index.php/congresso/2016/paper/view/3675>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

15. GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto. (Org.). Educação popular: utopia latino-americana. Tradução de Jaime Bizeh. 2. ed. Brasília: Ibama, 2003.

16. FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

17. RODRIGUES, Ana Paula Maia Espíndola. Hortas comunitárias, educação popular e segurança alimentar e nutricional: aprendizados e desafios com base em uma experiência. 2016. 83 f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

18. MELO NETO, José Francisco de. Extensão popular. 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2014.

19. PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. Tradução de Marco Aurélio Fernandes Velloso e Maria Stela Gonçalves. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

20. GADELHA, Maria Jacqueline Abrantes. Artes de viver: a tenda do conto: recordações, dores e sensibilidade no cuidado em saúde. 2015. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

21. GADELHA, Maria Jacqueline Abrantes; FREITAS, Maria de Lourdes. A arte e a cultura na produção de saúde: a história da tenda do conto. Revista Brasileira de Saúde da Família, Brasília, v. 2, p. 53-58, 2010.

22. BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

23. BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000.

24. VALLA, Victor Vincent. A vida religiosa como estratégia das classes populares na América Latina de superação da situação do impasse que marca suas vidas. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão. (Org.). A espiritualidade no trabalho em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 310-340.

25. FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

26. GALEANO, Eduardo. Los hijos de los días. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2012.